3. OS DESCAMINHOS DA SAÚDE MENTAL DO ALIENISTA ATÉ OS DIAS ATUAIS

Ana Luíza Júlio¹

Resumo: Este artigo busca compreender como as armadilhas sociais vão construindo todas as formas de exclusão, através de seus mais sutis mecanismos de discriminação. No livro em pauta o personagem principal, O Alienista, é um médico que se declina totalmente ao estudo da mente humana, chegando a construir um manicômio, chamado Casa Verde, que desde sua criação e ao longo dos anos permaneceu lotada, com os não poucos loucos da cidade e da região. Ao longo dos acontecimentos pode-se perceber que as ínfimas diferenças, inquietudes ou traços ressaltados passam a configurar uma razão para ser colocado na Casa Verde. Toda e qualquer diferença passa a ser objeto de estudo da cientificidade do Dr. Simão Bacamarte, até que por fim é ele mesmo que se torna vítima tornando-se sujeito e objeto, concomitantes, de seu próprio estudo. Hilário é percebermos que ele próprio é quem se interna no hospício para se auto estudar, e o faz sempre referendando e respondendo, em nome da ciência. É a partir deste maravilhoso clássico de Machado de Assis, que procuro neste artigo apontar os descaminhos por onde a saúde mental tem andado ao longo desta história até os dias atuais.

Palavras-chave: poder; exclusão social; saúde mental; discriminação.

Abstract: This article intends to be a quest to understand how social are building all forms of exclusion through its most subtle mechanisms of discrimination. In the book the main character on the agenda, “The Alienista”, is a physician who declines fully to the study of the human mind, getting to build a mental hospital called Green House, which since its inception and throughout the years has remained busy, with not a few crazy city and the region. Throughout the events can be seen that the tiny differences, concerns or traits highlighted spend configuring a reason to be put in the Green House. Any differences to be the object of scientific study by Dr. Simon Bacamarte, until finally he is becoming victim to become subject and object, concomitant of his own study. Hilary is to realize that he himself is the one who is in hospice for internal self study, and is always endorsed and responding on behalf of science. Is is from this wonderful classic Machado de Assis, who seek in this article to point out the deviation where mental health has been throughout this history to the present day.

Keywords: power; social exclusion; mental health discrimination

¹ Psicóloga, Doutora em Psicologia, Mestre em Educação e Especialista em Psicologia Clínica. É docente na instituição CESUCA, ministrando aulas no Curso de Psicologia nas áreas de Psicologia Social Comunitária, Saúde e Epidemiologia, Psicologia do Trabalho, Estágio e Observação; no Curso de Pedagogia, nas áreas de Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia das Relações Inter raciais; no Curso de Direito, na área de Psicologia Jurídica. É psicóloga técnica na SPM/RS (Secretaria de Política para as Mulheres) atuando nas áreas de gênero, raça e violência doméstica.

Que loucura

*“Fui internado ontem na cabine 103
Do hospício de Engenho de Dentro,
Só comigo tinham dez.
Estou doente do peito, estou doente do coração,
Minha cama já virou leito, disseram que eu perdi a razão
Estou maluco da ideia
Guiando o carro na contramão
Sai do palco fui pra plateia,
Sai do quarto fui pro porão”*

(Luiz Melodia)

1. Palavração – um hábito

Quase já um hábito, ao me deparar com palavras que fogem das relações do dia a dia, busco aproximar tal terminologia o quanto mais possível, do entendimento comum, para melhor assentar o seu sentido. Para algumas palavras que pertencem ao cotidiano, este exercício serve algumas vezes, para quebra de paradigma, ou, melhor ainda, para uma nova contextualização da forma de entendermos seu conteúdo semântico e, assim, igualmente, ampliar as possibilidades de entendimento.

No presente contexto busco o significado léxico da palavra alienista, título deste conto clássico de Machado de Assis, escrito no século XIX, publicado em 1882 e que perdura atual no século XXI, ainda que permeado por toda a transformação social, cultural, técnica e cientificista que se sucederam nestes dois séculos subsequentes. Então, segundo o dicionário eletrônico, a palavra alienista refere-se a: “Aquele que trata de alienados; aquele que trata de pessoas que não têm ou que perderam sua identidade, ou que vivem num estado em que se tornaram alheios a si mesmos, a si próprios, em um estado em que não são responsáveis plenamente por seus atos”(dicionário informal, online). Automaticamente tal conceituação do termo alienista nos remete a buscar o que é, afinal, alienado, razão de ser da figura do alienista. Então alienado no sentido léxico é considerado aquele “Que perdeu a razão ou ainda demente: hospital de alienados. Absorto, extasiado, extático”. Pode-se dizer: “Pessoa que não toma conhecimento dos problemas sociais e não tem consciência dos seus direitos”, e podemos ter ainda como sinônimos as palavras: demente, desatinado, doido, insano, insensato, louco e maluco. (dicionário online de português). Para completar esta incursão léxica busco por último o que possivelmente seja talvez o mais importante dos significados, o sentido da palavra alienação.

O psicólogo Wanderley Codo (1986), ao argumentar sobre a alienação, afirma que:

“Perguntar ou responder sobre o que é alienação, é responder ou perguntar sobre a fronteira entre o ser e o não ser. O homem alienado é um homem desprovido de si mesmo. Se a história distancia o homem do animal, a alienação re-animaliza o homem. Se nos reconhecemos como um ser único e indivisível, a alienação explode a nossa individualidade, e através dela o homem é a sua negação. É preciso entender como o homem se constrói, para que saibamos como ele se nega. Como o homem se hominiza ?” (1986, pág.s 8 e 9)

No livro em pauta, “O Alienista” nos deparamos o tempo todo com esta questão que está posta da relação entre o poder, socialmente constituído, e a falta dele, pelos processos alienantes da sociedade, representado no texto, pela figurado Dr. Simão Bacamarte, ao trancafiar, mais cedo ou mais tarde, a todos os moradores da exemplar cidade de Itaguaí, no manicômio chamado Casa Verde. Exemplar, porque nela, todos os cidadãos e cidadãs se encontram sob o jugo do alienista, que é o responsável em atribuir o grau de sanidade ou insanidade aos membros daquela cidade.

Com isto, obviamente, Dr. Bacamarte não apenas os tranca, como tira-lhes o grau de cidadão e cidadã, posto que é a liberdade de ir e vir, entre outras deliberações que configura a cidadania. Portanto, este sujeito arrancado do bem conviver com seus companheiros e companheiras, no seio da sociedade, perde, temporariamente que seja, de acordo com o maior ou menor tempo em que tal isolamento se dê, também a sua identidade, tornando-se, nos dizeres de Codo (1986), desprovido de si mesmo, ou seja, um alienado. O alienista, não é como poderia supor, em conformidade com sua profissão de psiquiatra, alguém que trabalhe pró saúde mental, mas, como sugere o autor do texto, um produtor de alienados.

É então, a partir desta relação de poder que buscaremos compreender este conto machadiano. O poder, já o dizia o príncipe Maquiavél², se justifica por si próprio. Claro, na ótica do príncipe, que vem da nascente do próprio poder, ou seja, esta é uma reflexão auto referenciável. Não é, por certo, a mesma visão ou o mesmo entendimento da plebe ou do povo. Para estes, que se encontram do outro lado, ou do lado oposto do lado do poder, dificilmente serão concordes com este posicionamento, salvo, retomando o texto em pauta, ao tratar-se de pessoas alienadas, qual seja, alijadas do seu próprio direito em exercer suas cidadanias e da consciência de suas existências. Estes serão os que, como veremos mais adiante, se declinarão à falta de juízo, em que aceitarão a condição que lhes é imposta de insanidade.

² MAQUIAVEL, Nicoló. Editora Presença, 2008.

Bem, mas nos encontramos nesta altura dos acontecimentos, numa espécie de círculo vicioso, em que, por um lado, o poder é natural, por assim dizer, de um grupo, de uma classe ou da representação de uma determinada elite. Por outro, e em oposição, onde se encontram todos aqueles destituídos de poder, por não serem pertinentes ao primeiro grupo. Dessa forma, fica parecendo tratar-se apenas de que lado da questão se encontram todos os cidadãos e cidadãs. Como de fato, vejamos: o grupo do poder é definido pela elite, em geral econômica, ou por pertencimentos raciais ou culturais, religiosos ou ainda, como em “O Alienista”, por uma condição de sanidade mental. Assim é que o poder para Machado de Assis centrou-se na figura do psiquiatra Dr. Simão Bacamarte. A ele sim, médico, cientista e juiz, todo o poder de liberdade ou de encarceramento é dado, como dono absoluto não apenas da verdade sob todos os demais, como também daquilo que chamamos liberdade de todos e de todas, que ficam, pelo cajado do eminente cientista, impedidos de viver suas vidas em total plenitude.

2. Contextualizando:

A grandeza deste texto machadiano se dá não apenas pelo seu conteúdo literário, mas pela percepção que faz, já no século XIX, do exercício do poder e do que seus mecanismos excludentes exercem sobre as pessoas. Não se pode abandonar o fato das características pessoais do autor, que o fizeram ser homem de menor prestígio social, por assim dizer, por tratar-se de um menino gago, pobre, de pouca instrução formal, num mundo recém saído do período escravocrata, e que, conseqüentemente, pouco soube lidar com o fato de tratar-se de um homem negro. Sempre que se recorre à biografia machadiana, nos deparamos com a descrição de um “menino mulato”, o que explicita, obviamente que, para que fosse possível honrá-lo e lisonjeá-lo do jeito que sempre foi feito ao longo da história da literatura brasileira, assim como na sua conseqüente fama literária internacional, a condição para tal foi a de esconder esse homem negro, atrás da ideia de tratar-se de um homem mulato.

Então vejamos: mas o que vem a ser uma pessoa mulata? Etimologicamente trata-se de um termo do espanhol e do português que derivado do latim “mulus”, referindo-se a “mula”. Este animal chamado mula é conseqüente do cruzamento ou do jumento com a égua, ou do cavalo com a burra, forjando um animal híbrido, que mais tarde é transfigurado para o universo humano, no intuito de explicar, pejorativamente, a mistura das raças branca e negra. Portanto, não restam dúvidas que há aí uma preconceituosa designação de nomenclatura, não apenas porque compara aos descendentes humanos da mistura das raças branca e negra, a uma espécie animal, híbrida, enfraquecido e pobre, como fruto da mistura. Por que então comparar aos humanos, frutos da miscigenação racial da mesma forma com que se nomeia aqueles animais híbridos? Pessoas ditas

mulatas estariam então na mesma relação de falta de poder em que se encontram as mulas e mulos em relação aos cavalos, éguas, jumentos e burras. Se aos animais quadrúpedes este enfraquecimento racial (ou de espécie) se dá, não se pode fazer este comparativo para os(as) seres humanos. Mesmo porque raça, neste contexto é atributo social, e não de espécie como já a muito a sociologia³ vem pautando e explanando sobre o problema do preconceito e discriminação racial.

Então, quando Machado de Assis é visto na condição de mulato e incluído como um grande literato, nos faz pensar justamente esta questão, de que o grande escritor brasileiro, não foi respeitado em seu pertencimento racial, não foi aceito enquanto um negro, e sim, foi conformado na única forma que a sociedade preconceituosa percebeu como possível: comparando-o aos animais híbridos e, como a maioria dos híbridos, um ser estéril e com menor valor social.

Daí que seja provável que Machado de Assis tenha se inspirado um pouco em seu próprio sentido de exclusão, projetando algumas de suas experiências na construção desta realidade literária. Vejamos: o autor mulato é híbrido e como todo o híbrido, estéril. Dr. Simão Bacamarte e sua consorte, D. Evarista da Costa e Mascarenhas, também foram estéreis: “D. Evarista mentiu as esperanças de Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos....e a sua resistência, explicável, mas inqualificável, devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes”. (Machado de Assis, 182, p.14). D. Evarista é descrita como uma mulher recatada, calada e introspectiva, que pouco lhe fazia companhia. Esta mulher sorumbática, também não lhe concedeu uma prole para preencher a casa de barulho e alegrias, para ter onde dedicar sua atenção. Isto tudo fez com que Dr. Bacamarte se torna-se absorto em sua literatura médica. Buscou, por isso, como ele próprio afirma, conhecer a alma humana, entendendo que “a saúde da alma é a ocupação mais digna de um médico” (1882, pág.15).

Da mesma forma que para Maquiavel (2008) o Príncipe se auto justifica todo o tempo, pelo exercício do poder, também o Dr. Bacamarte busca na própria literatura médica, a explicação para o sentido daquilo que pensa e do que faz, justificado pela própria ciência. Chega inclusive a afirmar que a ciência seria o seu emprego único, assim como Itaguaí o seu universo.

Atento ao que se passava na cidade de Itaguaí Dr. Bacamarte propõe uma reforma na saúde mental, por assim dizer, alterando o livre trancamento dos assim chamados loucos furiosos, cada qual preso do jeito e local que lhe fosse mais apropriado, criando um lugar específico para, no seu dizer “agasalhar e tratar os loucos de Itaguaí”. Dr. Simão Bacamarte se viu atento às

³ Para esse tema conferir os autores: Agier (2001) e Nascimento (2003).

demandas da alma humana, buscando estudar, mexer, vasculhar e entender o que se passa no ínfimo da psique humana. Até aquele momento este tipo de aprofundamento e cuidado com a psique não ocorria, não havia, portanto, “uma só autoridade em semelhante matéria”, o que fazia total sentido declinar-se a este estudo. Para tanto, foi criado o que chamou de “Casa Verde” como a intenção de que pudesse “estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar lhes os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal”, acreditando ser esta a sua função não só como médico, cientista, mas, profundamente sua missão humana.

Simão Bacamarte passou então a classificar os ditos loucos. O primeiro grupo, dito loucos por amor, que não passavam de três ou quatro pessoas; depois havia os da mania e entre eles os monomaníacos religiosos, e entre todos os tipos, uma divisão interna, para melhor administração na Casa Verde em duas classes principais: os furiosos de um lado e os mansos de outro, assim como as suas classes daí derivadas. Por certo um bom cientista. Onde chegar com tal ciência da mente ou da alma humana talvez fosse a pergunta que por equívoco, nunca foi feita. Entretanto para aplacar o sofrimento de sua esposa D. Evarista parece ter acertado a receita ao considerar que: “Não há remédio certo para as dores da alma; esta senhora definha, porque lhe parece que a não amo; dou-lhe o Rio de Janeiro, e consola-se”(1882,pág.25) Argumentou desta maneira, considerando-se um estudioso, fazendo deste pensamento uma anotação científica para uso futuro. Entretanto, há, neste momento algo que fez com sua mulher diferente do que fez com todos os outros: para ela a liberdade. Para todos os outros, as trancas.

Dr. Simão Bacamarte tinha por certo, ao tratar dos outros sujeitos considerados enfermos da alma, estar diante de uma altíssima descoberta científica com a grandeza de, em seu próprio dizer: “trata-se de uma experiência que vai mudar a face da terra. A loucura, objeto de meus estudos (diz o próprio) era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente”(p. 28). E, em assim pensando, declina-se totalmente ao estudo dos recônditos da alma humana. O que há nos porões sombrios, obscuros, húmidos, talvez, do inconsciente, que faz emergir tantos impulsos, tantas incongruências, tantos desatinos. Em nome de quê? Do amor? Do desamor? O que está por detrás de todo esse universo a que chamamos de insanidade. O que seria, em oposição a sanidade? A quem é dado o direito de nomear quem é sã e quem é insano?

Franco Basaglia (1985) foi um grande estudioso do quanto, na história da psiquiatria mundial, a situação de muitos homens e mulheres foi a de quem preferisse até mesmo morrer, tamanha a degradação a eles imposta através da internação psiquiátrica. Veja o comentário que se segue:

“....Porque antes, aqueles que estavam por aqui pediam para morrer. Antigamente, quando morria alguém sempre o sino tocava, agora não toca mais. Quando tocava o sino todos diziam: ‘Ai meu Deus, pena que não sou eu quem morreu’, diziam ‘que estou tão cansado de levar esta vida aqui dentro’. Quantos deles não morreram, quando podiam estar vivos e cheiros de saúde. Mas não, humilhados, porque não tinham nenhuma porta de saída, recusavam-se a comer. Enfiavam a comida pelo nariz deles com a borrachinha, mas não dava pra fazer nada porque estavam presos aqui dentro e não tinham nenhuma esperança de sair. Como uma planta que fica seca porque não chove e as folhas murcham, assim ficavam as pessoas aqui” (Basaglia, 1985, pág.13).

Assim é um manicômio; um depósito humano, onde as pessoas ficam abandonadas ao próprio destino, em geral em precárias condições físicas, ambientais, sociais e afetivas. Todo o manicômio tem essa qualidade em comum: a de abandonar seus moradores a um destino sem saída. E assim também, pelo que percebe na descrição, era na Casa Verde. Fomos notificados da entrada de muitos, pelos mais variados objetivos, mas não fomos informados o que era feito destas pessoas. O que presume, entretanto, é que havia apenas uma porta de entrada, e possivelmente nenhuma de saída. Por isso, no comentário de internos reais, em um manicômio da Itália, havia um sentido de que talvez a morte lhes teria trazido melhor dignidade, do que a internação compulsória, sem um motivo plausível, sem um prévio acordo daquele que seria internado e, ou, talvez, de alguém que poderia responder como responsável ao paciente.⁴

Itaquai era uma cidade moderna. Uma cidade que, como uma cidade da ciência, tinha um manicômio, tinha um responsável em separar o normal e o patológico. Era uma cidade comprometida com a ciência e, neste sentido, declinada em reconhecer e diferenciar os homens e as mulheres conforme o que se considerou padrão de sanidade e de insanidade. E quanto mais refinada a diferenciação, maior a garantia de separação entre as pessoas sãs e as insanas.

Em nome da ciência, roubou-se a liberdade; em nome da ciência muitos homens e mulheres sofreram e foram impedidas de viver suas vidas fora dos critérios impostos, fora de valores, em uma sociedade preconceituosa e tendenciosa, onde todo aquele que protesta-se fosse dada como louco ou como insano.

Ao longo da história da psiquiatria brasileira começou-se a pensar numa ampliação das condições de existência do seres humanos vivos. Em 1990 a reforma psiquiátrica sofreu a resistência e rompeu com todos os manicômios do Brasil. Muitos ex-internos passaram a viver

⁴ O Príncipe", Maquiavel. N. Editora Presença, 2008.

nas ruas, a morar embaixo das pontes ou nas calçadas, por não terem para onde ir. Muitos passaram a protestar e reclamar a assim chamada “soltura” dos doentes mentais, os tornando sujeitos sem teto. Nestes anos começa-se a prestar mais atenção ao fato de que as pessoas nomeadas como loucas, não seriam efetivamente tratadas, sendo apenas depositadas nos pavilhões de internação, recebendo, portanto, na maioria das vezes, medicações para que pudessem ficar depositadas em algum manicômio e livres do convívio social.

Dr. Simão Bacamarte em nome da razão e do cuidado com os “doentes dos nervos”, forjou a internação de muitos homens e mulheres, entendendo que, inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, a solução seria a internação. Normal, neste sentido, é aquele que se enquadra num padrão imposto pelos valores socialmente determinado. Normal é um padrão em que todos são iguais e repetitivos de certo padrão de ser. Patológico é aquele que se rebela e que se manifesta contrário aos padrões impostos. Normal é o conforme. Patológico é o que se contrapõe. Mas o fato é que, a qualquer momento o sujeito pode mudar de intenção. A qualquer momento pode haver ideias novas e contrapostas. Para quem se considera dona do poder, como o fazia o Dr. Bacamarte, toda e qualquer oposição é uma manifestação de insanidade, e todo insano merece estar internado.

Ao longo da história da psiquiatria brasileira, fugiu-se à internação compulsória que escravizou e prendeu muitos homens e mulheres, roubando-lhes a liberdade. Em 1990 com a reforma psiquiátrica, rompeu-se com os muros dos manicômios e muitas pessoas foram entregues aos cuidados familiares e muitas outras, por não terem sido recebidas pelos seus familiares, passaram a ser moradores de rua. É preciso que aprendamos a derrubar os manicômios internos, e aceitarmos as pessoas como elas são, com seus limites, com seus mais variados graus de sanidade ou da falta dela.

Esta forma de ver e compreender a sociedade brasileira assim como o sofrimento psíquico de muitos brasileiros e brasileiras, é muito semelhante à compreensão do Alienista á sociedade a qual pertenceu. Se foi fácil para o Alienista internar aqueles que foram considerados anormais, não se pode negar o fato de que na sociedade excludente, mais cedo ou mais tarde, todos serão excluídos. E assim Dr. Bacamarte findou a fazer consigo mesmo: internou a si mesmo para seu próprio auto tratamento mental. Este círculo vicioso da Casa Verde torna o conto de Machado de Assis em algo quase inacreditável, isto é, o fato de que, em nome da ciência tudo pode ser possível, mesmo que isto signifique a auto internação.

3. Concluindo

Bom saber que desde 1990 quando o Brasil, capitaneado por alguns trabalhadores da saúde mental mais sensíveis para a temática, forjam a desinstitucionalização da saúde mental, derrubando sumariamente os muros externos dos manicômios.

Desde então, não se precisou mais, nesta terra, de alienistas, mesmo que o processo de desalienação ainda não tenha se dado por completo. Até porque tal processo é decorrente do trabalho de cada qual que seja sofredor de problemas psíquicos, que seja trabalhador na área da saúde mental. Posto que são estes partícipes que podem fazer frente no diferencial deste tratamento. A verdade é que, apenas a partir do ano de 1990 se passou a pensar e a falar seriamente na questão do trabalho para a coletividade, na *saúde mental* de uma forma mais coerente, que não fosse apenas do isolamento social e do aprisionamento daquelas pessoas nas casas verdes de nossa história brasileira.

Não se quer com isto dizer que o atendimento e o tratamento em saúde mental estejam plenos. Muito antes pelo contrário, o saldo nesta área ainda é extremamente negativo, e o resultado disto tem sido pessoas em sofrimento psíquico perambulando pelas ruas de muitas cidades brasileiras; alguns entregues a própria sorte; outros vivendo em pensões protegidas, criadas para este fim e bem poucos abraçados pelas próprias famílias. O número daqueles que ainda necessitam na internação hospitalar “*para tratamento*”, diferentemente da lógica anterior de depósito humano, ainda se faz presente e é alto.

Contudo, o que Machado de Assis chamou-nos a atenção, lá em 1882, anos antes da assim chamada abolição da escravidão, é que a sociedade brasileira e a cientificidade nacional muito trabalhou para a exclusão social, por diversos critérios, e muito ainda tem permanecido na lógica da exclusão.

Em 1888 foi decretado a libertação dos escravos. Não vivemos mais sob a égide do regime escravocrata, mas nem todas as relações estão livres do poder absoluto de um senhor que a domine. Em 1990 aboliu-se os manicômios, mas a o direito de livre viver, mesmo com as suas dificuldades, ainda não está plenamente garantida aos portadores de doença mental.

Quantos anos ainda precisaremos para de fato compreendermos a dimensão humana e o real significado de liberdade e das diferenças como condição de todo o ser vivo? Estes tem sido os descaminhos pelos quais passam a questão da saúde mental no Brasil e que, muito sabiamente Machado de Assis nos atentou para o fato já lá em 1882.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGIER, M. *Distúrbio identitário em tempos de globalização*. Mana, v.7, n.2, 2001

BASAGLIA, F. *A Instituição negada- Relato de um hospital psiquiátrico*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

CODO, W. – *O que é alienação*. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986. Coleção Primeiros Passos

Dicionário informal, dicionário online: www.dicionarioinformal.com.br

MACHADO DE ASSIS, J.M. *O Alienista*. Porto Alegre: LPM, 1998.

MAQUIAVEL. *O Príncipe*. Editora Preença, 2008.

NASCIMENTO, E.L. *O sortilégio da Cor – identidade raça e gênero no Brasil*. São Paulo. Selo Negro, 2003